

António Salvado  
Poesia de Amor nos Versos  
de António Salvado  
antologia





**Poesia de Amor  
nos versos de  
António Salvado  
(antologia)**



POESIA DE AMOR NOS VERSOS DE ANTÓNIO SALVADO (ANTOLOGIA)

**Título**

Poesia de Amor nos versos de António Salvado (antologia)

**Autor**

António Salvado

**Prefácio**

José Maria da Silva Rosa

**Editor**

João Carrega

**Capa**

Pintura de Emerenciano

**Ilustrações Interiores**

Pinturas de Emerenciano

**Edição**

RVJ, Editores, Lda.

Av. do Brasil, nº 4 r/c | 6000-079 Castelo Branco

Telf.: 272 324 645 | Telm.: 965 315 233

**Design**

André Antunes | RVJ - Editores

**Tiragem**

300 Exemplares

**ISBN**

978-989-53940-2-9

**Depósito Legal**

**Data**

2023

ANTÓNIO SALVADO

**Poesia de Amor  
nos versos de  
António Salvado  
(antologia)**

Para o estimado Professor José Mani de Lira Rosca,  
este livro do qual é principal autor  
e um abraço de muita admiração  
e de profundos agradecimentos

 RV Editores

António Salvado

O lindo ser de vossos olhos belos

Quem um contentamento vão espera  
espere cedo de desenganar-se,  
que tem breves limites sua espera.  
Porém, quem há que mais queira livrar-se  
de tão doce prisão? Ou quem deseja  
dos nós desses cabelos desatar-se?

**Camões**

## PREFÁCIO

“Tantas vezes o cântaro partido vai à fonte,  
até que um dia a fonte seca.”  
(Paul Celan)<sup>1</sup>

A acreditar no filósofo Hegel, não pode haver prefácios. Ou então os mesmos devem ser feitos de tal modo que, alegadamente, dispensem a leitura das obras. Por um lado, os proémios, preâmbulos, introduções, etc., a terem algum valor como *preliminares*, têm de situar-se já *dentro da própria substância da obra* - e não *do lado fora*, à porta e na periferia daquilo que tratam. De outro modo, são molduras inúteis ou até prejudiciais mestres de cerimónias. Assim, parecem-nos, apenas o autor estaria em condições de fazer prefácios adequados às suas obras, o que não deixa de constituir uma deliciosa contradição... Não dizia Picasso que ninguém melhor que ele era capaz de falsificar os seus próprios quadros? Por outro, a constituir-se imediatamente como participação na *coisa mesma* (*das Ding an sich*, no presente caso *Poemas de amor*) comungando do seu estofado íntimo, um prefácio feito por outrem depara-se com uma dificuldade ainda maior: ao *prefaciado* uma obra começa desde logo a *perfazê-la*. *Sed tertium non datur?* Ainda não sabemos. Será que não podemos ficar apenas *entre-tanto*, nem fora nem dentro, entrevendo somente sob a padieira, quais modestos propileus cuja humilde tarefa é simplesmente manter as portas entreabertas para que outros entrem e se deliciem?

Os mitos e a literatura universal mostram que os limiares, as anúncias, as estações, os lugares e ritos de passagem não são posições cómodas nem espaços próprios para habitar. Tudo neles se metamorfoseia muito rapidamente. Seja como for, a prescrição e a suspicácia de Hegel, aqui trazido *à contre-cœur* e apenas porque ele não apreciava por aí além a *ideia de amor* (para ele o amor excita, mas não *consuma* o desejo; a *consumação* implica sempre uma certa ideia de término e morte; e a *filosofia*, portanto, não devia ser encarada nem como *amor da sabedoria*, muito menos *sabedoria do amor* - antes posse plena do saber, embriaguez de Narciso, clímax quase-onanista que *se frui a si mesmo*) são muito compreensíveis se considerarmos o género de obras filosóficas que ele próprio escreveu - por exemplo, a *Fenomenologia do Espírito* ou a *Ciência da Lógica*. Volumosas, difíceis, *dentadas*, espinhosas, a carecerem de prolegómenos extensos, detalhados, penetrantes. Parece que era este o modo hábil de ultrapassar o facto de muitos dos seus leitores, assaz apressados e *precoce*s, desconfiava ele, não conseguirem adentrar-se para lá dos prefácios e das

1 “Contraluz” (1949), in *Arte Poética. O Meridiano e outros poemas*, Ed. Cotovia, Lisboa, 1996, p. 23.

páginas iniciais... Todavia, isto que só muito discutivelmente pode ser válido para o *duro trabalho do conceito*, parece-nos totalmente descabido no âmbito *do verbo poético* que ora nos concita. Bem pelo contrário. Ridiculamente fátuo seria o prefaciador que presumisse substituir-se em alguma coisa (*à la Grand Masturbateur?*) ao autor de um Poema amoroso. No caso concreto, cumpre-nos mesmo sublinhar o movimento rigorosamente *inverso*: a leitura da *Poesia de Amor nos Versos de António Salvado* torna inútil e dispensável, se não mesmo *adverso*, qualquer prefácio, qualquer preliminar. Será *controverso* dizê-lo? “Tu és o próprio canto.” (*Palavras para quê?*, p. 206). É por aí, *in medias res*, que o leitor *converso* deve principiar. E não importa por onde comece, pois eternamente, como amante reanimado, haverá de retornar ao ponto de partida. Porque é da ontológica ordem das coisas que assim seja. Face aos criadores, acima de tudo os poetas, que cuidam e penetram na *realidade das coisas* (*de natura rerum*) todos os críticos, comentadores e isagogos que vêm depois fazer *prefácios*, bordados e outras hermenêuticas serôdias, não passam de pigmeus diante de gigantes, *nadas* diante do *que é*. “Para ti caminhar! Porque tu és.” (“*Misteriosa Deusa*”, p. 139, quanto a nós um poema parmenídeo por excelência e dos mais iniciáticos de toda a antologia). Ou ainda melhor, como reconhecia a outro propósito Bernardo de Chartres: *anões aos ombros de gigantes* (“*nanos gigantum humeris insidentes*”). Assim é, muito especialmente no reino da inspiração poética: qualquer (re)mediação ou (pre)meditação que *par avance* nos retraia ou faça hesitar de entrarmos nós próprios nas veredas versejantes da *Poesia de Amor...*, ou qualquer outra que intendesse substituir-se à intensidade genesiaca e sensual da sua carne viva, prestar-lhe-ia decididamente um muito mau serviço. Na impossibilidade da posse, vamos, portanto, tentar apenas esse almejado terceiro lugar, *in obliquo* (“*Languidamente, de soslaio...*”, p. 142), de relance e como que na soleira da porta daquele antigo jardim de Zeus onde se encontraram, beijaram e uniram *Póros* e *Penía*, Abundância e Penúria, Riqueza e Pobreza (Platão, *O Banquete*, 203 b-c). Porque é (só?) isto, parece-nos, que cantam os versos de A. Salvado. Daquele concúbito, bem o sabemos, nasceu o *Eros* alado... Talvez apenas o desejo, porque pródigo e medicante, ao mesmo tempo rico e pobre, seja o único, singular e paradoxal espaço de conspiração entre um poeta e os seus leitores. Só quem comparticipa nessa *consumação* efervescente e se perde na indigência erótica que se lhe segue merece e está em condições de se encontrar - e até de encontrar mais do que buscava (“*Torna mais larga a porta - se puderes*”, p. 139). Mas como neste nosso desígnio sermos tão-só viático e não empecilho, estorvo? Ponte, flecha, hífen, vetor, reticências..., jamais muro ou ponto final?

\* \* \*

Quando, há uns meses atrás, inesperadamente, do outro lado da linha, António Salvado me convidou para prefaciar esta sua *antologia poética* devo

confessar que fui apanhado desprevenido. Fiquei até um pouco embaraçado pela imerecida honra do imprevisto convite. Porquê a generosidade de nos querer associar ao júbilo desta vática celebração, desta tão amadurecida safra? Não nos reconhecíamos, nem reconhecemos, qualquer mérito especial ou peculiar capacidade para prefaciá-la condignamente qualquer obra poética. Menos ainda esta sua *colbeita da tarde*. O autor de *Poesia de Amor*, nem é preciso dizê-lo, é reconhecidamente um dos maiores poetas portugueses do nosso tempo. Devemos confessar, aliás, que a subtileza inesperada dos seus versos de há muito tinha chamado a nossa atenção. Foi ainda como aluno, na Universidade Católica, em Lisboa, que, por feliz fortuna, um outro professor-poeta se lhe referiu de passagem, numa lição, tendo até então recitado ante nós um poema seu. A remissão permaneceu latente. Às vezes, de muitas das nossas aulas sobram apenas apartes, signos madrugantes, tições acesos que nos hão de avivar vida fora. Confessamos, pois, sincera e humildemente: só a sua generosa insistência nos estimulou e nos deu confiança para aceitar antepor umas palavras a esta recolha. Dito isto, pouco mais podemos adiantar: não estamos preparados para fazer a *introdução* a um livro de poesia se por tal se entender uma análise formal e estilística, escandir versos, aparar rimas, inserir o autor nesta ou naquela corrente literária, enfim, comparar eruditamente tudo isso que a ordem escolar das razões supostamente reclama. Se tal fizéssemos, tentaríamos *tocar rabecão quando nem sola batemos...* O nosso acesso é outro. Tentamos apenas sentar-nos à mesma fogueira acesa e beneficiar de igual entusiasmo. Como outros antes de nós, confessamos sem falsas humildades que a ignorância é mãe da admiração. Deixemos, pois, que a surpresa nos tome e avancemos por este viés, porque é verdade que nos reconhecemos devedores e muito sensibilizados pelo verbo borbulhante, inesperado e em estado nascente que anima a poesia de António Salvado, num arco vital com mais de três quartos de século. É um longo e deveras significativo percurso. Melhor: percursos. São versos corpóreos e nervosos (*Amar-te*, p. 66), poemas indómitos que fervem e expelem lava, mas também sabem ondear langues como trigais (*Quase pautas*, p. 130) e hesitar de forma cristalina, pura, luminosa, como quem começa a beijar ritualmente um fruto túmido e lhe saboreia prazeres inesperados. Outras vezes são eles ondas alterosas que de quando em vez se quebram a fremir contra a beleza nua das fráguas alcantiladas (“maré a tocar a dura rocha”, p. 205) e outras vêm desfalecer, serenas, na praia, em plenitude regalada e exausta, mas sempre insaciáveis os corpos num e noutra caso (*Sabiabos, encobertos*, p. 23). E assim, cremos nós, principiamos pelo *hierós gamós*, pela cópula imemorial da *Mnemosýne* (*Aquela madrugada*, p. 53, *Folhame*, p.134; *De súbito Nausícaa*, p. 161, *et alii*) que enlaça quase todos os poemas desta rica antologia. Mas nós, indignos até da fivela, quase só podemos pegar-lhes no cordão e, aqui e ali, testemunhar a pericorese de um acesso necessariamente exterior.

Da primeira vez, lemos de um fôlego e de rajada, sem parar, todos os poemas reunidos no presente florilégio (que, desde 1955 a esta parte, colige versos de dezenas de obras do autor). Embora não tenha sido inteiramente possível, tentávamos então propositadamente nada fixar, nada memorizar. Apenas intuir as formas (plurais, já que cada obra a partir da qual foi feita a recolha dos poemas, embora se recruzem, orbitam hermeneumas distintos; alguns poemas foram lidos e relidos em voz alta, atendendo apenas às sonâncias e dissonâncias), sintonizar com os diferentes arquejos, harpejos, com as tonalidades afetivas, a respiração arfante que se intensifica aqui e ali acalma, como as modulações próprias de uma intensa relação sexual, nos seus ardores e requebros (*O meu olhar vagueia...*, p. 144). Eis neles o ritmo insistente das quatro estações, *lavouras arcaicas*, noites e dias, o tempo de semear e o de recolher, as enarmonias e as desarmonias fundamentais, as imagens regularmente mobilizadas: flores, fontes, folhagens, frutos, faunos, favos, fios, filões, fugacidades, frestas, frémitos, fervências, fogo, feridas, fome, frio, felicidade, fortuna, foz, *foedera naturae...* - se quisermos realçar tão-só, entre muitas outras, a fricção desta persistente consoante. O intento era, se possível, não tanto comparar ou analisar formas, figuras, recursos estilísticos, etc., mas sentir e consentir em imaginação com as evocações em nós provocadas pela leitura, na sua carnalidade. Fomos, então, percorridos pela dionisiaca aventura de todos os sentidos à compita, qual efervescência que sobe e desce. Sem transfiguração propositada - também aqui e ali ela se encontra, inevitavelmente -, mas apenas imersão *n'aquele rio heraclítico* (*Aquele Rio*, p. 18) onde se encontram e fundem a vida e a morte, o gozo e a dor, “prazer e açoite”, a noite e o dia, a fidelidade e a perfídia, leito e caudal (inúmeros são os poemas a dizer e iluminar estas dualidades). Aí se desenham contornos de coisas acariciadas desde muito longe, antúteses dolorosas do que se possuiu, amiúde em êxtase e delíquio, mas também logo em queda e perda, como que de partida e adeus (*Entre Elegia e Hino*, p. 20). Não é esse, afinal, o inexorável drama de toda a Vida: devir? Suceder? Morrer? E de só nas lágrimas efusas (não no sabê-las) reconhecermos realmente a Vida que deixámos passar, quais estranhos *mochos de Minerva* que começam a esvoaçar precisamente ao anoitecer já depois do amor e do dia terem passado (*Revelação*, p. 21)? Estes poemas escritos não são o amor *in se ipso*, naturalmente, mas são, sim, a sua cruz desnuda, o rasto do seu frémito cadente, as brasas ainda quentes de um incêndio. “Os livros não contêm a vida. Contêm apenas as suas cinzas.” (M. Yourcenar). Não nos encontramos também nós, em tantos momentos (in)felizes na nossa vida e da nossa escrita, a conversar apenas com sombras e fantasmas, com “solidões e desertos” e com “coisas que se vêem como quem vê outras coisas”, conforme a gnoma de Sophia? Só que deste primeiro mergulho nos poemas - “água de gelo que nos lábios escalda”, p. 41, “presença que me queima fria”, p. 46 - não é muito o que se pode dizer do modo como o estamos

a fazer. O uso dos oxímoros e adjectivos amiúde deixa-nos perdidos. E dizer isto é já, talvez, lançar uma punhalada de esconjurável traição. É preciso outra puerícia, outro nascimento, outra tangência do real. Que há de alguém dizer ou antepor a um poema como *Retrato* (p. 35), senão reconhecer simplesmente que é *perfectum*, habitado por um pudor extremo e indizível? Que excessos traduzem tantos e tão contínuos paradoxos? Que dizer a não ser, talvez, como essoutra ardente alma: *Ama et quod vis fac?* “Ama e o que quiseres faz”. Inclusive poemas. “E que era o que me deleitava senão amar e ser amado? Amar e ser amado era-me mais doce, se gozasse também do corpo de quem me amava.” (Agostinho, *Confissões*, II, 2, 2; III, 1, 1)

Depois, já de lápis na mão para esboçar melhor a ordem das razões, relemos ou ressentimo-los, paradoxalmente mais atentos e mais desatentos. O que significa reler poemas com o *lápiz na mão*? Estranho falo e retardadas masturbações... Supostamente, há nisso o enriquecimento de uma reflexão segunda, mais ponderada e cuidada. Será cogitação que relê, que repara em detalhes essenciais que escaparam à primeira vindima, que regista *marginália* nos espaços brancos, que sublinha, destaca e refaz pertinências que escaparam à imediatez do primeiro toque. Pode não ser errada esta ideia de releitura como alargamento das possibilidades hermenêuticas em ordem a uma *fenomenologia do fenómeno erótico*, para onde nos conduzem algumas filosofias contemporâneas (v.g., G. Bataille, M. Henry, J.-L. Marion, E. de Saint Aubert). Mas não quisemos ir por essa via. Ler escrevendo é também escrever para reler de outra maneira, na primeira pessoa, num movimento de espiral que nunca sabemos aonde nos pode levar. O lápis na mão, cremos, não deve ser uma espécie de laçada na ponta de dedos lesto para apresar versos, estrofes, poemas como quem imobiliza e ferra reses no cercado. Também não é a tenaz com que se tiram castanhas do fogo e apagam as brasas inda acesas. O recuo pensante que ele proporciona - já o dissemos - associamo-lo à revivescência do tição soprado, revivescido, com o qual se remexe e aviva o lume. Um texto literário, de modo especial um texto poético, é como campo fértil e corpo de mulher. Em ambos há uma geografia sagrada e muito delicada. Devem ser percorridos *religiosamente*, desflorados ritualmente, sílaba a sílaba, sulcados leira a leira, embalados com doçura, lentamente, verso a verso.

Entre uma e outra leituras, como quem anda ao rebusco na vinha, muitas associações mentais, oportunas e inoportunas analogias, diversas razões alheias (ou não) se nos interpuseram. Por várias vezes nos interrogámos, embora inutilmente: onde lavrou? Onde semeou? De onde colheu? De onde veio a António Salvado a inspiração exata para este ou aquele verso, para este ou aquele poema? Mas saberemos nós, enfim, de que magma brota a mântica poética? Por isso, tal interrogação volve-se bastante supérflua, até porque explícita ou implicitamente algumas dessas musas são desveladas em

pleno exercício poético. Homero e os clássicos gregos, sempre, como sombra fértil que *cobre* a úbere imaginação do poeta. Como diriam C. G. Jung ou G. Bachelard, os grandes arquétipos da alma humana são imagens intemporais. Os autênticos bardos bebem de uma só fonte coetânea. E logo muitas das suas declinações maiores: Nausícaa, a límpida princesa feácia que se enamorou da beleza ferida de Ulisses arrojado à praia (pp. 78, 161, mas cuja memória viva é toda de Penélope e não de Calipso); a ninfa da fonte Castália, que enlouquece a mente dos amantes com um mosto feito de mel e fogo (p. 84); Narciso (p. 27), a nereida Dinamene (p. 96), etc. Mas igualmente a célebre poetisa Nósside de Locri (p. 202 e ss), ménade iniciada nos tíasos e mistérios de Afrodite, herdeira talvez da veneranda e “sagrada prostituição” praticada no Mediterrâneo oriental. A fértil Cloé de seios túmidos, coberta de verdes viços, pomos e folhagem... (p. 151). E depois ainda figuras outras que nos peitam íntima e dolorosamente: Heloísa & Abelardo (p. 95), Inês de Castro & D. Pedro (pp. 94.191), Tristão & Isolda (estes amantes não constam *in re*, mas são arrebatamento inflamado e omnipresente no frémito de muitos versos), Nefertiti, *a mais bela*, & Akhenaton, *esplendoroso disco solar* (p. 79); Velásquez e o rosto de uma adolescente (p. 80); um Modigliani, ceifado tão jovem, tão ruborizado, tão imaculado... (p. 81); e a soror Mariana Alcoforado (p. 97), paixão orante seduzida por “amor funesto e puro”... Enfim, embora não tenhamos resistido a esta mostra parcial em sobrevoo, é assaz inútil procurar a inspiração dos poemas deste modo extrínseco e repetido. É escusada e vã a erudição do porteiro, acurando longe e alhures, na cultura, mas perdendo quiçá o que está mais próximo e mais à mão. O poema é *Ereignis*, Evento, Advento puro, sobrevém e cintila como as Heliades: acontece porque acontece, talvez como a *Rose ohne Warum* de Silesius (“*Mas às vezes*”, p. 198), a *Niemandsrose* de Celan, ou o *spiritus qui ubi vult spirat* de São João, em qualquer páramo albicastrense ou em seara madura de Idanha, ao cair da tarde. E aí de quem lhe busca linhagens e razões como quem pede explicações - pois não sabe de onde vem nem para onde vai.

Talvez um por todos o poeta tenha razão ao perguntar e responder: “Sentir? Sinta quem lê!” (F. Pessoa, “Isto”). E se assim for, isto é, se forem os sentidos do declamante que devem ressentir as enarmonias e os sujeitos poéticos, como não encontrar nestes versos ainda revivescências da Vénus de Willendorf, do *Cântico dos Cânticos*, de Alceu, Safo, Píndaro, Horácio, Ovídio, Apuleio, os poetas provençais, D. Dinis, Camões, Rilke, Jorge de Sena, Natália Correia, Mourão-Ferreira, etc., etc.? Cada um/a, se puder, que recite e escute as ressonâncias semânticas que cada poema amplia dentro de si. Chave da anamnese: só encontrarás o que já tiveres achado. “Todo o grande livro projeta em cada leitor outros fogos e sombras.” (M. Yourcenar). Depois de lidos e relidos (mas um verso lê-se? recita-se? declama-se? reza-se? bebe-se? acaricia-

se?), os versos de António Salvado, embora lancem permanentemente a mesma matéria incandescente, são sempre novel surpresa: irrompem, esvaem-se com vagar, regressam sempre outra vez como pura expressão (*Arvoredo*, p. 47) do que sempre por inteiro nunca deixou de aí estar. Não é só ler, mas reler; não colher, mas recolher.

Há nestas muitas paragens exploradas por A. Salvado (nestes versos e nas inúmeras obras integrais de onde os poemas foram extraídos), zonas de delicado silêncio, regiões todas só pureza e rubor inocente, não obstante o que aí possa projectar o leitor *voyeur*, libertino, admirador de *Juliette ou Les Prospérités du Vice*. Poemas há que são todos castidade e candura (qual Benilde, *virgem e mãe*), silêncios visitados tanto por labaredas como por suaves brisas. Ao tornar a ler, fica-se convicto de que só um outro filho de *Póros* e de *Penía* pode ter escrito estes versos (e muitos outros que aqui não estão e esperam por nós). Às vezes eles desconcertam-nos como o próprio amor nos descompõe a roupa e desconjunta o corpo: quebram-se, abrem lençóis brancos. Ficam qual leito em aberto, folha nua. As linhas pretas falham, interrompidas por frestas. Restamos por momentos suspensos em alvo, sobre um vazio, em transe, à espera... São veros lances, ressaltos, reticências, desnortes de quem, no paroxismo dos corpos unidos, deseja que até o leito apertado das linhas acabe por desabar totalmente. Não fora uma expressão estafada e trivializado lugar-comum, poderia dizer-se que, no fundo da experiência intensamente erótica que assoma em praticamente todos os poemas desta antologia, há uma genuína ‘odisseia’, um verdadeiro ‘drama metafísico’ *jusqu’à l’Origine du monde*, o qual, no fio de muitos anos, foi explodindo em versos *tersos, adversos, conversos*... Mas sem visar qualquer Unidade eidética fora da experiência sensível, à guisa do amor platónico ou do retorno neoplatónico (notar que Plotino tinha vergonha de *ter um corpo*...), nunca longe da *fragância pura da carne* e da *limpidez da rosa brava*. É imanência total na corporeidade flamejante e sem pecado, erotismo límpido, cristalino, estésico (*Aurora*, p. 48). E é aí mesmo no benfazejo hausto de Diotima de Manteneia, a musa propícia tantas vezes deprecada, sem ceder à Ideia romântica, é aí que ele se inicia, perde e recupera, em luta corpo a corpo, despedaçado, exasperado e quase desesperado (*Epístola*, p. 37, *Cortina*, p. 42, etc.). Porque, embora o *amor seja forte como a morte*, como reza o versículo bíblico (*Cântico dos Cânticos* 8, 6), e tudo nesta antologia se apeteça instantaneamente *ad aeternum* (“eternidade / e do além aqui permanecer. / ... o tempo não tem porvir passado só presente”, *Faz uns minutos*..., p. 207), nada afinal aqui pode conservar-se para sempre: no fim do dia restam só sinais, pegadas na areia, tudo passa, tudo parte, deixando já na alma as saudades de um futuro que, também ele, há de ser passado... Oh! “Não partas, meu amor. Só em pensar que um dia partirás sem talvez te despedires, os meus cabelos tornam-se brancos e as minhas mãos inúteis e doentes...” (“*Não partas, meu amor*”, p. 19). Também a *Queda* (p. 26) ou o “*Retorno*” (p. 74), por exemplo,

são autênticos hinos gnósticos, lamentos dignos de figurar entre os *Psaumes des Errants* coligidos por André Villey. Eis aqui e ali o poeta António Salvado, dilacerado como um astro decaído, dorido, ferido e de rastros, anjo sem asas a tactear as paredes de um cárcere encantado, asfixiado em demanda de ar e de luz pura (*De ti Em ti Pra ti*, p. 72). Mas o alívio e a sutura de corpos e almas que o amor promete nos êxtases sublimes não é *opus* sem espinhos. É, sim, a luta com um outro Arcanjo, onde, porém, no fim, todas as mediações acabam por falhar. Persegue-se a Beleza, mas no termo não há nem *fió de ouro* nem *escada de Jacob* - ou pelo menos sente-se a falta de muitos degraus (“o que se julgou perto está distante / o que esteve ao alcance irá fugir.” (*A Beleza*, p. 208). *Perseguir*, bem entendido, é não *possuir*. Já Platão, no *Banquete*, 191 a, no mito do Andrógino, relembra que as duas metades outrora decepadas por Zeus, ao encontrarem-se, se enlaçavam uma na outra e “não mais aspiravam do que fundir-se num só ser!” Mas que ferreiro-alquimista os poderá fundir? Nessa “solda que dos dois faria um” acreditava também o ainda jovem Van Gogh, em carta de 31 de julho de 1874, ao seu irmão Theo: “Creio também que mulher e homem podem tornar-se um só e único ser, isto é, um ser completo e não duas metades justapostas.” Enfim, após tantos e renovados arrebatamentos amorosos, a obra poética de A. Salvado parece despenhar-se, afinal, com um “tântalo gesto” (pp. 40.56), numa *distância irremissível* no âmago da própria consumação, *numa falha, num rasgão, numa diferença ontológica* insondável e insoldável, não obstante o fogo fervente que uma e outra vez inflama a forja e intumesce o martelo de Hefesto... Não diz J. Luís Borges, no *Poema de Los Dones*, que “de hambre y de sed (narra una historia griega) muere un rey entre fuentes y jardines”? Assemelhar-se-á a *Poesia de Amor nos Versos de António Salvado*, afinal, a um *tratado do vão combate*, como observaria igualmente M. Yourcenar?

\* \* \*

Consumamos este prefácio retomando duas narrativas que várias vezes nos acudiram ao espírito enquanto íamos relendo e respigando os versos de *Poesia de Amor*. Uma delas é um antiquíssimo mito mesopotâmico sobre fertilidade, o amor e a morte. As finas tabuinhas de argila, recozidas pelo fogo que destruiu a Biblioteca de Assurbanipal, em Nínive, no ano 612 a.C., preservaram *le récit exemplaire* inscrito para nós no barro dos caracteres cuneiformes. Intitula-se *Catábase de Ishtar aos Infernos* (“Descent of Ishtar to the Nether World”, in *Ancient Near Eastern Texts - ANET*, Ed. J.B. Pritchard, 1969, pp. 52-57; 106-109; na versão suméria, mais antiga, a deusa do amor chama-se ‘Inanna’; entre os acádicos e outros povos semitas, tomou o nome de ‘Ishtar’; o *drama cíclico* da vegetação e das estações do ano há de conhecer, no curso dos milénios, muitas metamorfoses e fortuna exemplar nos *mistérios* de Cibele/Átis, de

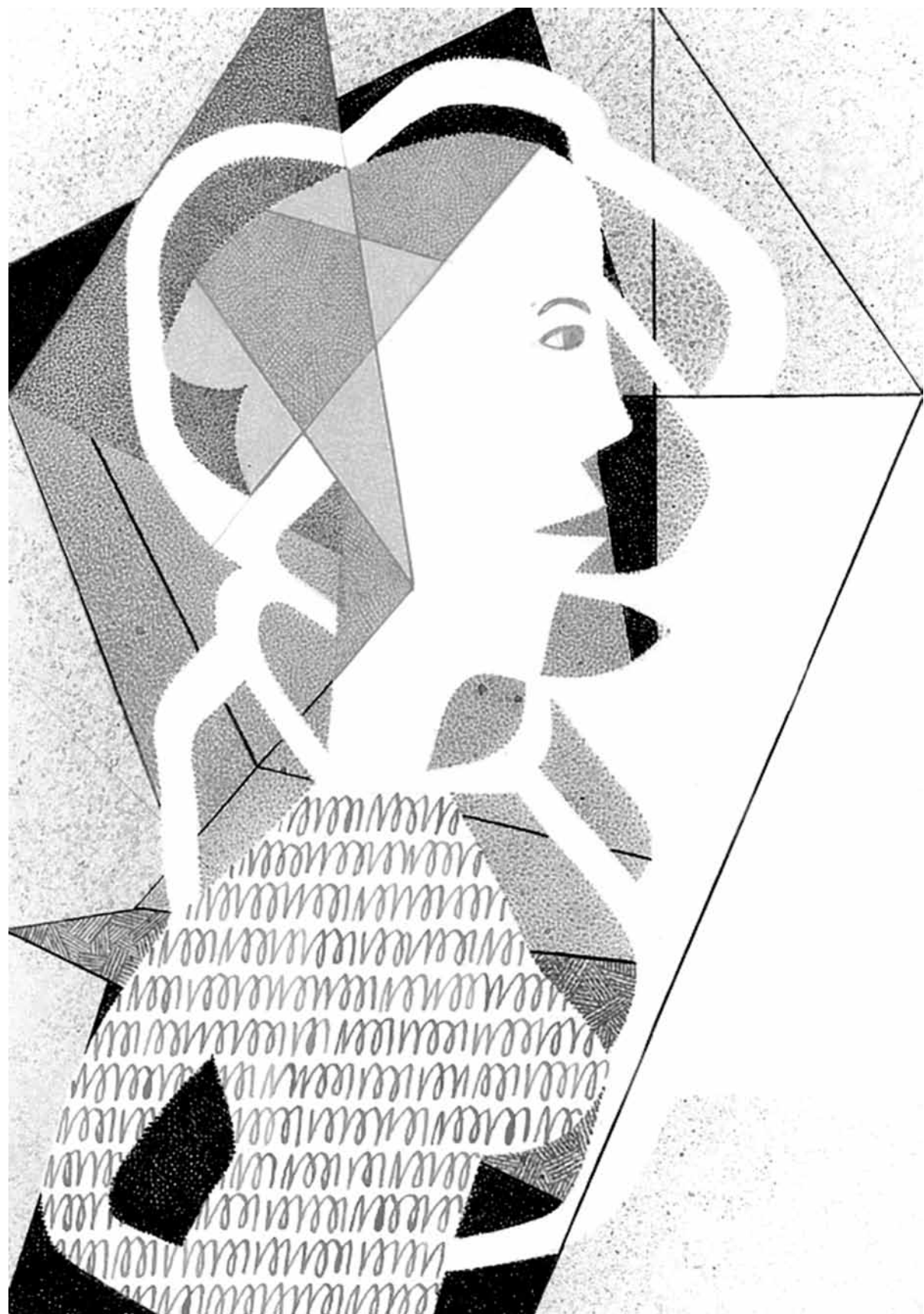
Deméter/Perséfone, de Afrodite/Adónis, de Eurídice/Orfeu, de Elêusis, da *Magna Mater*, etc.). Na narrativa mítica, que terá sido ritualmente celebrada e dramatizada, ao vivo, por jovens e donzelas, nos palácios sumérios e acádicos, conta-se como a deusa Ishtar, tendo morrido o seu muito amado Tammuz, pastor e deus da periódica renovação dos bosques e florestas, resolveu ir resgatá-lo aos Infernos, reino de sua irmã, Ereshkigal, “Terra do Não-Retorno”. Para tal terá de passar por sete portas. No limiar de cada uma, a deusa é obrigada pelo respetivo guardião a despir sucessivamente, uma a uma, todas as sete peças de adorno e de roupa que levava vestidas. Assim, chegou junto dos ‘Anunnaki’, os infernais juizes, totalmente desnuda. No decurso de difíceis negociações, o amor por Tammuz acabou por tocá-los. Ishtar aceita a proposta de o partilhar ciclicamente. Dão-lhe então a “água da vida” e deixam-nos sair. Na anábase, Ishtar vai recuperando em cada porta cada uma das peças de roupa e de adorno que despira na descida. Consegue, finalmente, voltar à superfície trazendo o seu amante da “Terra do Não-Retorno”. Eis, enfim, que por um período o Pastor foi resgatado à mansão dos mortos. Tudo se renova, pelo menos durante metade do ano... O mito etiológico não explica nada, apenas mostra, indica, *revela*. E o que dá a ver através das ‘personificações’ é o imemorial abraço entre as forças do Inverno e do Verão, da Vida e da Morte, os dramas do desejo e da impotência, o universal jogo dos apegos e das aversões, *Neíkos e Philía*. Por detrás dos nomes dos deuses, eis as perpétuas pulsões da criação, *génesis kai phthóra*, geração e corrupção. As mesmíssimas *enérgēai* que desabrocham e florescem intensamente nos poemas de A. Salvado (*Para o Regresso da Primavera, Interior, De Espera, A Tristeza se vai, Chegada, Vejo pulsar, Adormecer em ti, Manter a Flor*, etc.), nas figuras do mosto, do vinho e da seiva / sémen, da terra desalinhada sob o arado, do mel e das papoilas, das pétalas e das rosas, dos trigais maduros e dos molhos de espigas repletas de grão, do feno, dos cachos bêbados e das vindimas, dos pomos e das romãs abertas, apetitosas... Eis toda uma antiquíssima *orografia mítica* em toada albicastrense. Eis a sofreguidão, a volúpia e o cio, qual *Terre érotique* (A. Masson, 1955), do luxurioso *pagus* raiano que vai da Soalheira ao Rosmaninhal, raptando, desflorando e ressuscitando uma e outra vez Perséfone, filha de Deméter, ao ritmo vibrante e cadenciado das adufeiras em roda, percutindo o afogueado hímen dos seus adufes. E os rufos propagam-se pelos longes da planura, pelas florestas, searas e intumescidos pomares, impregnando tudo - para gáudio de Tammuz e de Istar, com capelas na cabeça, do Grande Pã *redivivus*, da *domina* Atégina, da *Bandis Isibraia* e até, porque não?, da Senhora do Almutão na sua orada.

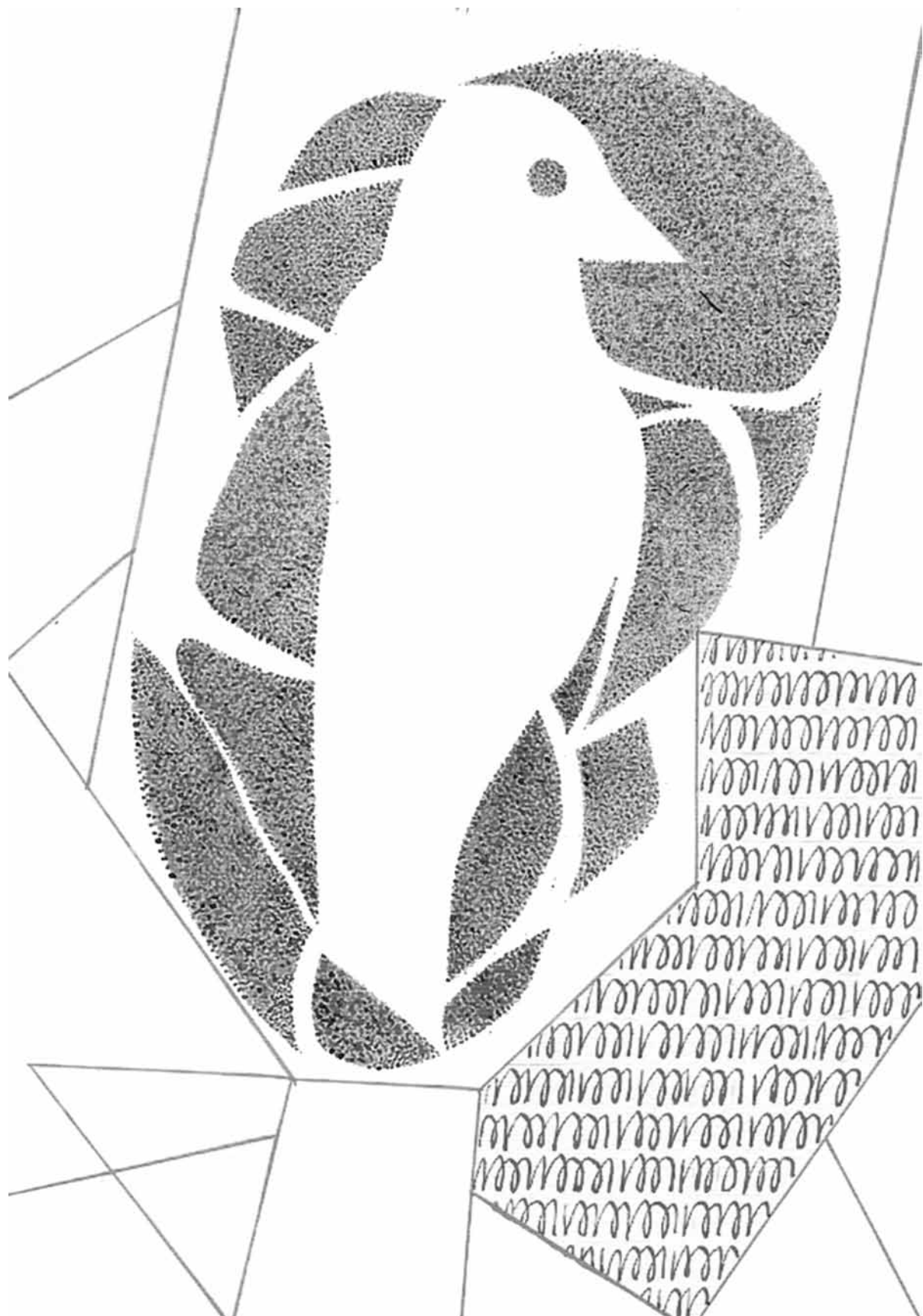
A outra narrativa épica chega-nos do mesmo fundo mítico-cultural: a *Épopeia de Gilgamesh* (ANET, pp. 44-52). Depois da *hybris* e dos muitos feitos heróicos, de lutas com monstros horrendos, de ter despeitado o amor cioso e funesto de

Inanna de mamilos túrgidos, e de, por causa disso, ter visto o seu mais amado émulo, Enkidu, morrer e corromper-se (ele, que no deserto fora iniciado nos mistérios do amor pela bela Shámkhat, a “prostituta sagrada”, tornando-se assim humano), Gilgamesh abandonou Uruk e partiu em busca da imortalidade. Após trespassar do negro e pavoroso túnel da montanha Mashu, saiu do ventre da terra e calcorreou o deserto inóspito de Shamash, o Sol. Sedento e com o desespero já agarrado ao coração, Gilgamesh encontra uma jovem mulher à beira-mar. O seu nome era Siduri, a ‘fazedora de vinho’. Mirando de longe o fâcies do viandante, a taberneira teve medo do que viu e quis fechar-lhe a porta. Mas Gilgamesh pôs o pé no batente e frustrou-lhe o intento. Após a disputa no umbral, trava-se o diálogo intenso, tremendo, exemplar. Siduri escutou de Gilgamesh a longa saga, os perigosos amores de Ianna, a morte de Enkidu, o medo e a demanda que o movia sempre mais para diante. Deu-lhe então o conselho apropriado a um mortal: «Ó Gilgamesh, para onde vai a tua pressa? Nunca encontrarás essa vida que procuras. Quando os deuses criaram o homem, atribuíram-lhe a morte; mas a Vida, essa ficou para eles. Quanto a ti, Gilgamesh, enche a barriga de coisas boas; de dia e de noite, de noite e de dia, dá-te a danças e alegrias, a festas e júbilos. Que as tuas roupas sejam novas, banha-te na água, acarinha o menino que te pega na mão e torna feliz a tua mulher no teu abraço. Pois isso é o que cabe ao homem.” O herói, porém, não deu ouvidos à sensatez da mulher que enchia os potes de vinho. “Como posso eu descansar quando Enkidu, que eu amei, se tornou pó, e também eu morrerei e serei posto na terra?” As tabernas, os bordéis e as alcovas não são aquilo que se pensa... Que o diga Omar Khayyam. Os alimentos servidos por Siduri causaram-lhe ainda mais fome. O vinho dos espumosos jarros provocou-lhe ainda mais sede. Haverá fonte que possa vencer o sequioso? Consumido, Gilgamesh sabe que tem de continuar a sua viagem até à *terra dos vivos*, até ao país de Utnapishtim, o barqueiro, o venturoso amado dos deuses que vive numa Ilha Afortunada, algures, na embocadura dos rios. Só resta, pois, prosseguir. Assim também nos versos *insaciáveis* de António Salvado: prosseguem e *não secam porque o seu cântaro vai sempre inteiro à fonte*. A vera Poesia só nos pode alargar a fome e a sede.

“Ó deusa, filha da perenidade,  
 ó deusa, filha que és além do tempo:  
 deixa-me o sonho nunca terminado  
 de perseguir-te para todo o sempre.”  
 (p. 209)

Brejo Fundeiro - Vila de Rei  
 7 de janeiro de 2022<sup>3</sup>  
 José Maria da Silva Rosa





**“NÃO PARTAS, MEU AMOR”**

Não partas, meu amor. Só em pensar que um dia partirás sem talvez te despedires, os meus cabelos tornam-se brancos e as minhas mãos param inúteis e doentes... Ouve. A música voltou para nos contemplar, para nos perdoar. Da espuma do seu ritmo, a tua imagem nasce indubitável. E, como vês, o meu canto é um lamento como a noite cheia de estrelas que me cerca. Mas aproxima o teu rosto... Oh! Joga o teu rosto à limpidez da noite! Abandonemos para sempre as dolorosas entranhas da solidão! Sejamos duas aves da floresta, livres autenticamente, senhoras absolutas do azul... Oh! Vem! Eu sofro o teu silêncio como a mãe a quem o filho beijou, dizendo “vou para a guerra, mãe...” E as tuas palavras constituirão a pirâmide da nossa contemplação.

## A BELEZA

Perseguir a Beleza    perseguir  
a mágoa    o desalento    a vaga esp'rança –  
e o que se julgou perto    está distante,  
o que esteve ao alcance    irá fugir.

Silenciosa música    tremores  
de sons que o coração teme em ouvir –  
arpejos transformados em ruídos  
ou murmúrios vibrantes    sem calor.

Se amargura a comove    de surpresa  
deixa no seio errantes cicatrizes;  
e se um anjo falar a sós com ela,  
esquece a oração de qualquer reza.

Ébria não raras vezes forma rumos  
do mais secreto e ponderado traço;  
se fruto seco    dela brota sumo  
tragado por alguém ermo    agitado.

Nasceu com a vida: grito das origens  
que sem conhecer nomes já se ouvia;  
sem pai ou mãe rompeu pura do mar  
deixando-se depois    da terra alar.

Perseguir a Beleza    conhecer  
que um dia já se uniu branda a meu lado...  
Sofrendo hesitações e feita d'água  
duma estátua conserva a solidez...

Ó deusa, filha da perenidade,  
ó deusa, filha que és além do tempo:  
deixa-me o sonho nunca terminado  
de perseguir-te    para todo o sempre.